

# ***Psicanálise, terceira idade e redes sociais virtuais: uma reflexão sobre reconhecimento, afeto e política***

*Psychoanalysis, third age people and virtual social networks:  
a reflection on recognition, affect and politics*

*Psicoanálisis, figuras importantes y redes sociales virtuales:  
una reflexión sobre el reconocimiento, el afecto y la política*

---

Cláudia Azevedo de Oliveira

## **Resumo**

A condição do idoso, sob a perspectiva psicanalítica e filosófica, é marcada por uma sensação de destituição de poder e exclusão social. Essa exclusão não significa que o idoso seja incapaz, mas que, por fatores sociais, econômicos e culturais, muitas vezes é marginalizado, invisibilizado e manipulado. As redes sociais, especialmente em contextos de isolamento social, oferecem uma falsa sensação de reconhecimento e pertencimento, que pode ser explorada por discursos extremistas políticos que se apropriam dessas plataformas para disseminar *fake news*, discursos de ódio e manipular emoções. Neste contexto, tem-se por objetivo refletir sobre o papel das redes sociais virtuais na construção do reconhecimento e do bem-estar psíquico do idoso, destacando que sua vulnerabilidade à manipulação não decorre de ignorância, mas da exclusão social, da busca por pertencimento e do analfabetismo digital. Para tanto, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica de estudos, artigos e autores relevantes, incluindo Lacan e Vera Iaconelli, com foco na compreensão do desejo de reconhecimento, vulnerabilidade psíquica e no impacto das redes sociais na terceira idade. Pode-se observar que as redes sociais podem promover reconhecimento e reforço identitário, contribuindo para o bem-estar psíquico do idoso. No entanto, essa mesma vulnerabilidade social é explorada por grupos extremistas, especialmente da extrema direita, que se apropriam dessas plataformas para disseminar notícias falsas facilmente introjetadas a crenças e expectativas pré-existentes e discursos de ódio, sem se aprofundar em verificação de fontes. O idoso, muitas vezes com menor alfabetização digital e maior desejo de pertencimento, torna-se uma presa fácil para manipulação emocional e política.

**Palavras-chave:** terceira idade, redes sociais virtuais, vulnerabilidade, política, psicanálise

## **Abstract**

From a psychoanalytic and philosophical perspective, the condition of the elderly is marked by a feeling of disempowerment and social exclusion. This exclusion does not mean that the elderly are incapable, but that, due to social, economic, and cultural factors, they are often marginalized, made invisible, and manipulated. Social networks, especially in contexts of social isolation, offer a false sense of recognition and belonging, which can be exploited by extremist political discourses that appropriate these platforms to disseminate fake news, hate speech, and manipulate emotions. In this context, the objective is to reflect on the role of virtual social networks in the construction of recognition and psychological well-being of the elderly, highlighting that their vulnerability to manipulation does not stem from ignorance,

but from social exclusion, the search for belonging, and digital illiteracy. To this end, a literature review of relevant studies, articles, and authors was developed, including Lacan and Vera Iaconelli, focusing on understanding the desire for recognition, psychic vulnerability, and the impact of social networks on the elderly. It can be observed that social networks can promote recognition and identity reinforcement, contributing to the psychic well-being of the elderly. However, this same social vulnerability is exploited by extremist groups, especially from the far right, who appropriate these platforms to disseminate fake news easily internalized into their pre-existing beliefs and expectations, and hate speech, without delving into source verification. The elderly, often with lower digital literacy and a greater desire for belonging, become easy prey for emotional and political manipulation.

**Keywords:** elderly, virtual social networks, vulnerability, politics, psychoanalysis

### **Resumen**

Desde una perspectiva psicoanalítica y filosófica, la condición de las personas mayores se caracteriza por un sentimiento de impotencia y exclusión social. Esta exclusión no implica incapacidad, sino que, debido a factores sociales, económicos y culturales, a menudo son marginadas, invisibilizadas y manipuladas. Las redes sociales, especialmente en contextos de aislamiento social, ofrecen una falsa sensación de reconocimiento y pertenencia, que puede ser explotada por discursos políticos extremistas que se apropian de estas plataformas para difundir noticias falsas, incitar al odio y manipular las emociones. En este contexto, el objetivo es reflexionar sobre el papel de las redes sociales virtuales en la construcción del reconocimiento y el bienestar psicológico de las personas mayores, destacando que su vulnerabilidad a la manipulación no proviene de la ignorancia, sino de la exclusión social, la búsqueda de pertenencia y el analfabetismo digital. Para ello, se elaboró una revisión bibliográfica de estudios, artículos y autores relevantes, incluyendo a Lacan y Vera Iaconelli, centrada en comprender el deseo de reconocimiento, la vulnerabilidad psíquica y el impacto de las redes sociales en las personas mayores. Se observa que las redes sociales pueden promover el reconocimiento y el refuerzo de la identidad, contribuyendo al bienestar psíquico de este grupo. Sin embargo, esta misma vulnerabilidad social es explotada por grupos extremistas, especialmente de extrema derecha, que se apropian de estas plataformas para difundir noticias falsas que se internalizan fácilmente en sus creencias y expectativas preexistentes, así como discursos de odio, sin verificar las fuentes. Las personas mayores, a menudo con menor alfabetización digital y mayor deseo de pertenencia, se convierten en presa fácil de la manipulación emocional y política.

**Palabras clave:** personas mayores, redes sociales virtuales, vulnerabilidad, política, psicoanálisis

### **Introdução**

Nosso país tem testemunhado, nos últimos anos, uma intensificação do uso político da internet, com conteúdos bastante elaborados e bem produzidos por grupos da extrema direita, especialmente no que se refere à disseminação de desinformação. Mas um fenômeno particular chama atenção: a mobilização afetiva e ideológica de parcelas da população idosa, que, após décadas de

relativo distanciamento das tecnologias digitais, passou a ocupar um espaço ativo nas redes sociais. A inclusão tardia desta geração no universo online – muitas vezes motivada por vínculos familiares, busca por pertencimento e/ou desejo de atualização, tornou-se também um terreno fértil para a manipulação emocional e cognitiva por meio de *fake news* e, mais recentemente, pelo uso de ferramentas de inteligência artificial:

Não há conversa, corriqueira que seja, que não acabe na constatação de que vivemos tempos bem difíceis. As discussões atuais fazem supor que a humanidade já foi, em algum período, melhor que isso. Argumento difícil de sustentar, bastando olhar para a Inquisição, escravidão e guerras para que capitulemos na defesa do passado. Mas temos que convir que hoje a questão do tempo é algo inédita. O descompasso entre o tempo externo, das redes sociais, e o tempo interno, dos nossos afetos e de nossa compreensão, é assustador. Tudo é rápido e é muito, é tudo muito rápido. Esse troço chamado modernidade não tem perspectiva de freio, nem amortecedor. Ainda assim, que o saudosismo não nos sirva de guia em direção à barbárie (lembremos o clamor de alguns pela volta ao regime militar!) (Iaconelli, 2024, p. 29).

É importante pensar na questão da psicanálise e na sua relação com a política. Esse questionamento deve ser feito sempre, pois se trata de uma importante questão para o futuro da psicanálise. Além de repensar a política e a história a partir do discurso freudiano e pós-freudiano, devemos ir além ao refletir sobre a pertinência da psicanálise em tempos atuais, a partir de temas contemporâneos e presentes nos mais diversos campos de estudo (Safatle, 2015).

Este artigo propõe uma leitura psicanalítica do processo de associação dos indivíduos na terceira idade, por meio de redes sociais como Facebook e o Whatsapp, a discursos neofascistas, articulando conceitos como identificação, transferência e discurso do Outro para compreender de que modo determinados ideais políticos operam sobre os afetos inconscientes desta população. Interessa-nos refletir como a internet se tornou, para muitos sujeitos na terceira idade, não apenas um meio de conexão, mas também uma nova cena transferencial – na qual os supostos saberes digital e político se apresentam sob a forma de figuras de autoridade que capturam o desejo, produzem

gozo e reforçam posições ideológicas cristalizadas. Neste contexto, discutiremos como a extrema direita se apropria de estratégias discursivas que mobilizam medos arcaicos, ideais narcísicos e fantasias de ameaça à ordem, ativando defesas psíquicas como o recalque, a projeção e a clivagem.

Neste sentido, tem-se como objetivos: refletir sobre o papel das redes sociais virtuais na construção do reconhecimento e do bem-estar psíquico do idoso, destacando que sua vulnerabilidade à manipulação não decorre de ignorância, mas da exclusão social, da busca por pertencimento e do analfabetismo digital; analisar como grupos políticos extremistas se aproveitam dessa condição, reforçando a necessidade de uma abordagem crítica e ética do tema, fundamentada na teoria psicanalítica.

Quanto ao método, dá-se a revisão bibliográfica de estudos, artigos e autores relevantes, incluindo Lacan que não aborda a velhice diretamente, mas suas ideias podem ser aplicadas para entender o processo de envelhecimento como uma experiência subjetiva marcada por mudanças na percepção do corpo, na relação com o Outro e na confrontação com a morte; enquanto Freud aborda o envelhecimento como um processo que vai além da mudança física, afetando a identidade e o sentido de pertencimento do sujeito; e Vera Iaconelli foca na compreensão do desejo de reconhecimento, vulnerabilidade psíquica e no impacto das redes sociais na terceira idade.

### Discussão

A presença de pessoas de cabelos brancos em manifestações pró-Bolsonaro e a favor da intervenção militar vem reforçando um estigma de que a terceira idade está intimamente ligada ao fascismo e à extrema direita no Brasil. Apesar de dados comprovarem que eles foram 3,5% dos presos por invadirem as sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023, não se pode negar que a presença de pessoas idosas nas manifestações da extrema

direita, em geral, é notável, constituindo uma parcela considerável da massa que busca por atos antidemocráticos. Segundo Idoeta e Barrucho (2023, p.01):

No Brasil, uma pesquisa sobre a polarização no país, divulgada em abril de 2022, das organizações Locomotiva, Despolarize e Tide Setúbal, identificou que 35% dos 1.300 entrevistados de 60 anos ou mais se diziam de direita – o maior contingente entre todas as faixas etárias. Os idosos entrevistados também se identificavam mais com expressões como “cidadão de bem” e “patriota”, em comparação com outras faixas etárias.

Mas o que faz as pessoas se ligarem a essa corrente tão radical, muitas vezes ancorada em dogmas religiosos que antagonizam com conceitos bíblicos de paz e amor ao próximo, algumas vezes até com propostas de violência explícita para alcance de objetivos? O que faz uma senhora de 70 anos deixar a segurança da sua residência para se juntar a um grupo de amigos virtuais e formar uma multidão raivosa na Avenida Paulista ou em Copacabana? Este trabalho não visa discriminar idosos que buscam por formas de alcançar prazer na terceira idade, ao contrário, visa entender o que os faz se ligarem à extrema direita e serem fiéis defensores de pautas tão controversas. Seria, então, a busca do prazer?

Há de se fazer, antes de mais nada, uma análise da estrutura democrática que é composta por uma diversidade de correntes políticas, abrangendo tanto a direita quanto a esquerda, além de suas respectivas camadas intermediárias. É imperativo, no entanto, distinguir a extrema direita desse espectro democrático, uma vez que seus princípios e valores fundamentais comprometem a dignidade humana e, por conseguinte, devem ser objeto de combate.

Um equívoco comum reside na suposição de que a democracia é uma prerrogativa exclusiva da corrente política de esquerda,

enquanto a direita é frequentemente rotulada como antidemocrática. Essa visão simplista ignora a complexidade do panorama político contemporâneo. A extrema direita, em particular, representa um fenômeno que se dissemina globalmente, mas que não se alinha aos preceitos democráticos. Suas características, que incluem autoritarismo, racismo, xenofobia, misoginia, boçalidade e violência, são incompatíveis com os valores fundamentais da democracia, que se baseiam no respeito à dignidade e aos direitos humanos. Diferentemente das correntes de direita tradicionais, que pregam, por exemplo, a livre iniciativa, o Estado Mínimo e a meritocracia (Chauí, 2006):

São conflitos no sentido antidemocrático, onde o direito à divergência política não está colocado. Ao contrário, são autoritários e fascistas porque pregam a destruição do pensamento antagônico. O adversário torna-se um inimigo a ser destruído. E nesse conjunto de retrocessos, ressentimentos provocados pelo aprofundamento neoliberal – perda do emprego, desregulação do trabalho, precarização da vida e medo sobre o futuro – vão sendo instrumentalizados pelas ferramentas da internet, com as *fake news*, incentivando o ódio racial, de classe e sexista (Mantovani, 2020, p. 02).

A abordagem psicanalítica lacaniana oferece uma compreensão sobre o processo de envelhecimento, especialmente no que diz respeito às experiências de perdas, mudanças e à construção da identidade na velhice. Segundo Lacan (1969), o sujeito passa por momentos de questionamento de sua própria identidade, sobretudo diante da finitude, do declínio físico e da morte, aspectos que se manifestam de forma intensa nesta fase da vida. Neste contexto, conceitos como o estádio do espelho e a dimensão do real tornam-se essenciais para compreender as dinâmicas psíquicas do idoso.

O estádio do espelho é fundamental na formação da identidade. Na velhice, esse

reconhecimento do *self* no outro pode se fragilizar, levando a uma sensação de fragmentação do corpo e de si mesmo, o que pode gerar angústia e sensação de desamparo. O real, por sua vez, representa aquilo que resiste à simbolização e provoca sofrimento (Lacan, 1953). Neste cenário, para o idoso, o real manifesta-se através das perdas físicas, da diminuição das capacidades e da consciência da mortalidade, demandando um trabalho de luto e adaptação psíquica.

O real pode ser aquilo que outrora era novo e jovem, mas que “hoje é antigo”, parafraseando o compositor Belchior - aquilo que ficou na memória como dias que deveriam se perpetuar diante de um injusto envelhecer.

O desejo, conceito central na teoria lacaniana, é o motor que impulsiona o sujeito. Na velhice, o desejo pode ser afetado por essas perdas, levando a uma crise na busca por sentido e realização. A linguagem, elemento fundamental no inconsciente lacaniano, também desempenha papel crucial nesse processo de reflexão sobre a própria história de vida, possibilitando uma compreensão renovada da identidade (Lacan, 1958). A linguagem de violência e ódio faz com que o lado perverso de cada ser se empodere e, como bem nos ensinou em *Psicologia das Massas*, Freud (2010) caracteriza a massa como uma entidade que valoriza a força e a violência, considerando-as essenciais para sua identidade. A massa rejeita a bondade, vista como fraqueza, e busca líderes que demonstrem poder e agressividade. Conservadora por natureza, a massa resiste a mudanças e mantém uma reverência quase cega à tradição, demonstrando uma tendência a aceitar e até desejar a dominação e a violência como meios de afirmação e controle.

É possível utilizarmos uma saída ainda mais freudiana para falar que as pessoas entram em relações sociais para firmar seus desamparos. Firmar seu desamparo quer dizer que você entra nas relações sabendo que não vai encontrar, no outro, aquilo que o ampara. Eu vou encontrar no outro aquilo

que me desposui e me desampara. Mas é um desamparo formador. De certa forma, significa uma capacidade que eu vou desenvolver de me abrir àquilo que eu não controlo no outro (Safatle, 2015).

Os seguidores de grupos radicais tendem a aderir a líderes fascistas. Isso ocorre principalmente por meio do fenômeno que Freud (2010) denominou de Identificação, caracterizado pela integração dos egos individuais com o ego do líder e pelo discurso de força por ele promovido. Dessa forma, esses indivíduos demonstram uma predisposição favorável a governos autoritários, ditaduras e regimes similares, buscando afirmar-se perante a sociedade como parte de um grupo superior, dotado de maior poder. Essa identificação serve, sobretudo, para sustentar um sentimento de poder pessoal, derivado da associação com o líder.

No entanto, é importante destacar que, na sociedade contemporânea, especialmente sob a influência de neoliberais, há uma marginalização crescente dos idosos, muitas vezes excluídos do convívio familiar e social. Esta exclusão pode levar a uma tentativa de afirmação de si, por atos de pseudobravura ou de cidadania fictícia, muitas vezes fundamentados em premissas superficiais e ideologicamente carregadas que encontram espaço em comunidades virtuais. Essas manifestações podem ser interpretadas como tentativas de preencher o vazio psíquico causado por uma ausência de trabalho e de luto adequado - o luto da jovialidade, que não foi realizado de forma saudável.

Na realidade, tal comportamento revela uma tentativa de compensar sentimentos de inferioridade experimentados enquanto indivíduos. Os seguidores anseiam por uma sociedade com opinião unificada, que lhes proporcione uma sensação de proteção frente à sua própria invisibilidade. Além disso, essa busca por uniformidade evita o confronto com opiniões divergentes, às quais poderiam ameaçar a ilusão de força e potência que desejam manter.

Fromm (1975), em seu livro *Anatomia da Destrutividade Humana*, defende a ideia de que a agressão e a brutalidade não são meros instintos, mas, sim, paixões enraizadas nos traços de personalidade, especialmente em pessoas que possuem tendências sádicas ou que se encontram em estados de apatia e depressão. Para Fromm, a atração por violência em grupo e por hostilidade coletiva pode ser vista como um escape ao tédio da rotina diária. Pessoas que são emocionalmente distantes ou carecem de estímulos encontram na adrenalina de ações destrutivas em conjunto uma maneira de romper com a monotonia de suas vidas. Esse impulso frequentemente não faz sentido, mas é despertado por discursos simplistas que apresentam alvos imaginários e promovem uma falsa sensação de controle e pertencimento.

Esta lógica contribui para compreender a participação de idosos, especialmente do sexo feminino, em movimentos extremistas recentes no Brasil. Para Mantovani (2020), a interação entre o machismo estruturante, que as distancia da participação na esfera pública, e o processo de envelhecimento, que as leva à marginalização social e econômica, cria um ambiente propício ao ressentimento e à busca por significados. Este grupo, que frequentemente passa despercebido e carece de conexões sociais importantes, pode enxergar no fanatismo político uma chance de se expressar, viver novas experiências e assumir um papel de destaque. A adesão a discursos de ódio e ao envolvimento em atos de violência, nesse cenário, surge como uma tentativa de quebrar a exclusão, mesmo que isso ocorra por um caminho destrutivo. “É mister lembrar neste momento que o resultado desse processo de interiorização das relações sociais na forma de valores e normas de comportamento implica a identidade com o agente da imposição das normas externas, no caso do complexo de Édipo descrito por Freud na formação de uma identidade com o pai” (Iasi, 2020).

Segundo Dutra (2022), o discurso fascista exacerba a falsa ideia de um ser humano

invulnerável, resistente à fragilidade e à falibilidade. Nesse contexto, os divergentes são considerados falhos ou fracos, enquanto a negação da vulnerabilidade humana serve como mecanismo de defesa contra o reconhecimento da impotência diante de obstáculos da vida, e coaduna com a má elaboração do luto pela juventude.

A negligência e o desprezo social pelos idosos, alimentados por discursos de extrema direita que reforçam a exclusão e a marginalização, contribuem para que esses indivíduos se sintam vivos apenas por meio de ações superficiais, sem um verdadeiro enfrentamento de suas perdas e do luto. Assim, a ausência de um trabalho psíquico adequado para lidar com o real da velhice pode levar a uma espécie de resistência simbólica, que se manifesta em comportamentos de pseudocidadania, perpetuando um ciclo de exclusão e sofrimento.

A compreensão da velhice se revela na importância de promover espaços de reflexão, acolhimento e trabalho de luto, especialmente em contextos sociais marcados por discursos de ódio e marginalização. Somente assim será possível oferecer aos idosos uma oportunidade de reinvenção de si mesmos, ressignificando suas experiências e enfrentando o real da finitude com dignidade e autonomia.

Portanto, é crucial reconhecer que a luta contra a extrema direita não é apenas em defesa da democracia, mas uma salvaguarda da dignidade humana e dos princípios liberais que sustentam sociedades justas e equitativas. A promoção de um debate político saudável deve ser pautada pelo respeito mútuo e pela rejeição a ideologias que ameacem a convivência pacífica e a integridade dos indivíduos.

### **Considerações finais**

Encerro esta reflexão convidando a olhar para o envelhecimento não como um declínio, mas como um processo contínuo de autointerpretação subjetiva, mesmo

que “você nem sinta nem veja” – tal como sugere a psicanálise, ao explorar os vínculos entre o passado que teima em retornar e o presente que pulsa em mutação. A canção “Velha Roupas Coloridas”, de Belchior, ecoa nesse cenário como metáfora potente: há um momento em que é preciso reconhecer que “o que era novo jovem, hoje é antigo”, mas não inválido; que insistir em usar roupas antigas pode significar sufocar a possibilidade de um novo sentido para a vida.

Muitos idosos, diante do desconcerto do tempo e da fragilidade do Eu, tendem a se agarrar às velhas formas de pertencimento, transferindo afetos e ideais para Outros que oferecem uma ilusão de estabilidade e retorno ao passado - ilusão travestida de modernidade. Mas a psicanálise nos ensina que viver é, inevitavelmente, fazer luto do que já fomos para abrir espaço ao que ainda podemos ser.

Talvez seja esta a grande travessia do envelhecer: aceitar que algumas roupas da alma já não nos cabem, e que há dignidade – e inclusive muita beleza – em costurar novos tecidos para si, ainda que à luz suave da última estação.

## Referências

- Chauí, Marilena de Souza. (2019). *Convite à filosofia*. Ática.
- Dutra, Vera Lucia G. (2022). *O fascismo e a psicologia de massas segundo Freud*. <https://isosendacz.org/2022/10/15/o-fascismo-e-a-psicologia-de-massas-segundo-freud/>.
- Iasi, Mauro. (2018). *A psicologia de massas do fascismo ontem e hoje: por que as massas caminham sob a direção de seus algozes?* Boitempo.
- Idoeta, Paula Adamo; & Barrucho, Luís. (fev.2023). Como nostalgia do ‘mundo de ontem’ e medo viraram arma para radicalizar brasileiros mais velhos. *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64425263>.

- Freud, Sigmund. (1921/2010). *Psicologia das massas e análise do eu*. Companhia das Letras.
- Fromm, Erich. (1975). *Anatomia da Destrutividade Humana*. Zahar.
- Iaconelli, Vera. *Felicidade Ordinária*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, Jacques. (1953-54/1979). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (1969-1970/1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (2016). *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Zahar.
- Mantovani, Denise. (Jul. 2020). Sistemas de opressão interligam racismo, sexismo e classe social. *Revista eletrônica Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/17/sistemas-de-opressao-interligam-racismo-o-sexismo-e-classe-social/>.
- Safatle, Wladimir. (Nov.2015). O medo se transformou em elemento da gestão social. *Zero Hora*. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/11/vladimir-safatle-o-medo-se-transformou-em-elemento-da-gestao-social-4902621.html>.

**Recebido em:** 13/08/2025

**Aprovado em:** 09/10/2025

### Sobre a autora

#### Cláudia Azevedo de Oliveira

Psicanalista em formação no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Graduada em Administração de Empresas pela Unisinos/RS, pós-graduada em Recursos Humanos pela FGV/SP, com mais de 30 anos de experiência profissional em grandes empresas e setor público.

**E-mail:** claudia\_virago@hotmail.com